

Portugal Islâmico

Os
últimos
sinais
do
Mediterrâneo



Susana Gómez Martínez

A cerâmica no Gharb al-Ândalus



“cerâmica constitui o vestígio mais abundante deixado pelas distintas civilizações desde o Neolítico e tem sido considerada, desde os inícios da investigação arqueológica, como um dos mais importantes indícios para definir cronologicamente uma estação. Mas a cerâmica é também reflexo de muitas outras faces de uma cultura: os hábitos alimentares e do quotidiano, a engrenagem económica de uma sociedade, a evolução tecnológica, o imaginário e horizonte simbólico dum povo e, até, a expressão de vontades políticas.

Resenha Historiográfica

A cerâmica do período islâmico em Portugal nem sempre foi objecto da atenção dos investigadores. Os arqueólogos do fim do século passado, com as suas perspectivas enciclopédicas, contemplaram estas peças islâmicas quase em pé de igualdade com as dos outros períodos. Foram objecto de estudo, por exemplo, por parte de Leite de Vasconcellos, de Estácio da Veiga e de Santos Rocha¹. Mas já no início do século o primeiro deles lamentava o pouco espólio de época islâmica do Museu Nacional e acrescentava “esta pobreza coincide com o desamparo a que os estudos arábicos têm sido votados em Portugal, onde nem sequer uma cadeira de árabe existe!”².

Até aos anos Oitenta a situação quase não mudou, não tendo a investigação do Gharb al-Ândalus acompanhado o desenvolvimento que atingiu o estudo de outros perío-

dos históricos. Entre os poucos investigadores que produziram alguma informação neste longo intervalo destaca-se Abel Viana³.

Será já no fim da década de Setenta, mas sobretudo na de Oitenta, que começam a aparecer estudos sistemáticos sobre o tema. Primeiro, os trabalhos de José Luis de Matos sobre o Cerro da Vila⁴, depois os estudos de Cláudio Torres e da equipa do Campo Arqueológico de Mértola⁵, de Helena Catarino na zona oriental do Algarve⁶ e de Rosa e Mário Varela Gomes em Silves⁷.

Mas o “grande” ímpeto dos estudos sobre o tema surgiu pela mão da arqueologia urbana e do impulso gerado pelo Congresso sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, celebrado em Lisboa em 1987⁸. Nos anos Noventa a consolidação da investigação obtem um foro de debate fundamental nas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval organizadas pela Câmara Municipal de Tondela.

No entanto, o nosso conhecimento da cerâmica do Gharb al-Ândalus é parcial tanto no tempo como no espaço. Pouco sabemos dos primeiros séculos de domínio islâmico, pois é reduzido o número de estações com níveis estratigráficos claros deste período⁹. De grandes áreas de território desconhecemos praticamente tudo. Temos bastantes informações do Algarve¹⁰ e de grande parte do Alentejo¹¹. Cada vez mais vai sendo melhor conhecida a zona de Lisboa e arredores¹². Um novo núcleo de pesquisas vai começando a tomar força em torno de Santarém¹³. Mais a Norte não sabemos praticamente nada.

A evolução da cerâmica islâmica no Gharb al-Ândalus: as técnicas e as decorações

Com os escassos dados de que dispomos podemos deduzir que, depois do colapso das produções romanas tardias, o fornecimento de objectos em cerâmica fez-se a partir de centros oleiros regionais ou terá mesmo correspondido a fabricos locais e, inclusive, caseiros. Pouco mais sabemos das produções dos séculos VIII e IX¹⁴. Os trabalhos do Sharq al-Ândalus, onde as cerâmicas deste período se conhecem bem¹⁵, pouco podem orientar-nos, pois estes fabricos locais são muito diferentes de região para região. Poder-se-á, no entanto, referir que alguns tipos de panelas levantinas e andaluzas, de formas aproximadamente troncocónicas, apresentam semelhanças com peças do Norte de África mesmo antes do momento da conquista islâmica, testemunhando contactos ancestrais entre as duas margens do Mediterrâneo.

Do século IX, no Gharb al-Ândalus conhecemos um repertório formal reduzido, herdeiro das produções locais do período anterior e que vai evoluindo muito lentamente nos séculos X e XI. É composto por algumas panelas, jarros, jarrinhas, tigelas e caçoilas. Aparecem também os emblemáticos candis de bico comprido de secção em “U” ou de “bico de pato” (exemplo, peça de catálogo nº 200).

Uma característica destas produções emirais é a técnica tosca com que são fabricadas. Grande parte dos objectos é de fabrico manual ou apoiado em torno lento. As pastas são, normalmente, mal decantadas e a cozedura realiza-se frequentemente em atmosfera redutora (cat. 107 e 114). A técnica decorativa mais habitual é a pintura branca sobre a chacota, traçada em geral com linhas finas, cujo uso ultrapassará o momento da conquista cristã.

É em meados do século X que a cerâmica muçulmana, apresentando características plenamente definidas e uma grande variedade técnica e decorativa, se vai enraizar profundamente no Gharb. A estabilidade conseguida pelo Califado de Córdoba permite

um tráfego fluido de mercadorias e técnicas, o que dá lugar a que o território se integre na grande síntese islâmica, ainda que conservando uma identidade própria. Continuam a existir no Andaluz variantes formais e decorativas regionais e até locais, especialmente no que diz respeito à loiça de cozinha, mas começam a espalhar-se técnicas de fabrico e decoração comuns ao resto do mundo islâmico, unidas a um programa iconográfico claramente omíada.

As produções à mão vão, com certa rapidez, sendo abandonadas, dando lugar a fabricos artesanais especializados, rapidamente difundidos pelo comércio. As cozeduras são predominantemente oxidantes e realizadas em fornos mais evoluídos, de estrutura permanente.

No Gharb a “marca de qualidade” é trazida pelas produções decoradas com pintura branca (cat. 134 e 144). Apesar da importância deste tipo de decoração, ainda não há estudos específicos sobre a sua origem e difusão. Aplica-se a quase todos os tipos de loiça, normalmente sobre pastas vermelhas, embora também seja frequente encontrá-la sobre pastas claras ou engobadas a castanho, por vezes quase preto, ou a vermelho. Predominam, na decoração, linhas relativamente finas, sendo mais habitual o uso de traços grossos a partir do século XII (cat. 121 e 93). Trata-se de desenhos simples, muitos dos quais utilizam conjuntos de três traços para formar composições radiais ou em faixas sucessivas, mas também surgem motivos de carácter vegetalista. Nalguns casos esse tipo de decoração actua como complemento de figurações de vulto de animais (cat. 71) e, inclusive, de pessoas. O Vaso de Tavira constitui o exemplo mais espectacular (cat.61).

A grande novidade do mundo islâmico no âmbito da cerâmica é, sem dúvida, a difusão das técnicas de vidragem. Na zona sudeste da Península Ibérica os vidrados plúmbeos monocromáticos, por vezes com decorações incisas sob a cobertura vítrea, produzem-se já no século IX, mas é no século X que se dá a grande difusão do vidrado por todo o território do Ândalus. Rapidamente se desenvolvem as técnicas de vidragem com combinações bicromáticas e policromáticas.

As séries de vidrados bícromos não foram até agora objecto de muitos estudos específicos por parte dos investigadores¹⁶, deslumbrados pelas esplendorosas produções policromáticas denominadas comumente de “verde e manganês” ou de “Madinat al-Zahra”. As combinações bicromáticas mais frequentes apresentam fundos melados ou brancos nos quais se desenvolvem esquemáticos motivos em preto/castanho de manganês. Também existem combinações de verde e manganês (sem branco), melado e verde, branco e verde, etc.¹⁷.

A primeira combinação, o melado e manganês, é, com certeza, a que tem maior difusão e persistência no Ândalus onde se encontra ininterruptamente desde o século X. Os motivos consistem em composições com círculos e arcos, tangentes ou secantes, e representações esquemáticas de lotus e palmetas (cat. 123, 154, 157 e 158).

O “branco e manganês” possui uma cronologia mais restrita aos séculos X e XI. Os motivos representados são, em geral, diferentes dos do melado e manganês, de menor tamanho, utilizando só uma parte do centro ou do lado da peça, sendo frequentes a epigrafia e a pseudo-epigrafia (cat. 161).

Esta última técnica liga-se à primeira decoração policroma, o “verde e manganês”, cujas primeiras produções na Península Ibérica se relacionam fortemente com a grande cidade palatina de Madīnat al-Zahrā¹. Tradicionalmente considerava-se que o “verde e manganês” se produzia aplicando sobre uma cobertura de engobe branco motivos desenhados com óxidos de cobre e de manganês, vidrando-se posteriormente todo o conjunto com uma camada plumbífera transparente. A tese de uma decoração sob a capa vítrea foi

posta em causa por análises laboratoriais que revelaram aí a presença de estanho. O debate não está concluído¹⁸, mas a existência de vários centros produtores deste tipo de cerâmica convida a pensar em várias soluções técnicas possíveis, com ou sem estanho, conforme as disponibilidades de cada atelier.

O “verde e manganês” tem uma longa vida. Originário do Oriente, a sua produção começa na Península Ibérica em meados do século X, difundindo-se com grande rapidez. Domina durante todo o século XI, declina no XII, mas ainda sobrevive na primeira metade da centúria seguinte, como demonstram recentes descobertas¹⁹. Passa depois à cerâmica cristã, onde se enraíza fortemente.

Mas este não é o único tipo de combinação policroma: por vezes, o amarelo de anti-mónio une-se ao branco-verde-manganês e, noutros casos, uma cobertura melada substitui o fundo branco²⁰.

Os motivos são muitíssimo variados e cheios de forte carga simbólica. Os mais atraentes são os antropomorfos (cat. 69) e zoomorfos (cat. 62), mas os mais abundantes são os vegetalistas com diversas representações de palmetas, lotus e “pinhas” que formam um alargado leque de composições radiais (cat. 53 e 56), em faixas únicas ou sucessivas, etc. São também abundantes as representações do “cordão da eternidade” (cat. 59) e a epigrafia na qual dominam os enunciados *baraka* (benção) e *al-mulk* (o poder).

A vidragem policroma simples apresenta sérias deficiências: quando os óxidos se fundem no forno e passam a estado líquido, por vezes misturam-se e o desenho perde nitidez. Talvez tenha sido esta a origem da “corda seca total” que aparece na Península Ibérica no século XI. Segundo esta técnica, desenham-se os motivos decorativos com uma matéria gordurosa, ficando então constituídos pequenos compartimentos que depois são preenchidos com os distintos fundentes. Posteriormente, a peça vai ao forno onde a matéria gordurosa se queima transformando-se numa cinza que impede os óxidos de se misturarem.

As primeiras produções mantêm a paleta cromática e os motivos decorativos do “verde e manganês”. Mais tarde enriquece-se com o melado, como quarta cor, e com representações estilisticamente diferentes. Não encontramos motivos antropomorfos mas aumenta o número de animais reproduzidos: leões (cat. 47), gazelas (cat. 63) e vários tipos de pássaros (cat. 49 e 48). Os motivos vegetalistas apresentam, numa forma muito clássica, lotus e palmetas formando lindos florões (cat. 45 e 46). Outro tipo de composições fitomórficas são as obtidas a partir de elementos geométricos que, nesta técnica, alcançam as mais belas expressões (cat. 40, 41 e 42). A epigrafia é também abundante, sendo mais frequente a palavra *baraka*.

O grande apogeu da “corda seca total” dá-se no século XII²¹, começando, na segunda metade desta centúria, a combinar-se com outras técnicas, que serão definidoras das cerâmicas de época almóada: incisões e estampilhas, aplicadas sob a camada vítrea, representando pequenos motivos vegetais ou geométricos. Na passagem ao mundo moderno esta técnica terá o seu grande florescimento nas produções dos famosos azulejos sevilhanos que, desde o século XVI, são produzidos na cintura industrial de Lisboa como demonstraram achados recentes²².

Debate-se ainda a filiação da “corda seca parcial” numa degeneração da “corda seca total”. A denominação de “corda seca parcial” atribui-se a várias soluções de diversa qualidade técnica e resolução estética, nas quais a superfície da peça não é completamente vidrada, deixando à vista grandes porções do barro chacotado. Por vezes encontramos espalhados pela peça simples pingos de vidrado (verde ou melado), sem qualquer traço a delimitar os seus contornos, não se tratando, portanto, propriamente de corda seca (cat. 32 e 36). Outras vezes estes pingos aparecem enquadrados, de forma um tanto imprecisa,

por um traço “seco” de manganês (cat. 28). Os exemplares mais cuidados apresentam um desenho ponteadado, feito igualmente com manganês, sendo preenchidos por vidrado alguns dos espaços por ele definidos (cat. 26). Outras vezes ainda, o vidrado combina duas cores, o verde e o melado, atingindo uma interessante policromia (cat. 25). A constatação desta variedade de soluções técnicas e qualidades estéticas rejeita qualquer aproximação simplista, que considere que são todas uma degradação da “corda seca total”.

Os temas decorativos são menos variados do que na “corda seca total”. Encontramos representações geométricas e vegetalistas a partir do lotus e da palmeta (cat. 30). Os mais interessantes são os motivos espigráficos, entre os quais volta a predominar a palavra *baraka* (cat. 29).

A sua cronologia também não é um tema pacífico. Há dúvidas quanto às suas origens no século X²³. Em todo o caso, a sua produção ganhará força no século XI, No Gharb, os mais belos exemplos datam do século XII.

Ao longo do século XII produzem-se mudanças importantes. Por um lado, encontramos uma grande diversificação do repertório formal com a aparição de novas formas que parecem responder a uma maior especialização do vasilhame doméstico. Por outro, encontramos perfis semelhantes difundidos por regiões muito vastas do Ândalus, num fenómeno que alguns denominam de “estandardização” da produção.

Difundem-se então vidrados meramente utilitários (transparentes ou melados, por vezes sobrepondo-se a decorações pintadas) em formas de cozinha nunca antes vidradas, como panelas e caçoilas.

Outra grande mudança técnica, mais difícil de apreciar, diz respeito à composição das pastas da cerâmica e à sua cozedura. Dá-se um aumento significativo, sobretudo nos contentores de líquidos, de pastas claras, quase brancas, bem cozidas, factor este que lhes confere uma grande dureza e permite modelar formas de perfil muito fino (cat. 187).

Quanto às técnicas decorativas, predominam na época almóada a sobriedade, bem patente no monocromatismo da maior parte das peças. O vidrado verde ganha uma enorme força, sendo aplicado sobre motivos incisos ou estampilhados, umas vezes sobre grandes talhas de armazenamento, outras sobre tigelas²⁴. Nas tielas, as estampilhas são quase sempre pequenas, predominantemente geométricas ou vegetalistas (cat. 155). Nas peças de grandes dimensões o leque de matrizes é muito mais variado. Entre os motivos vegetalistas encontramos palmetas figuradas com maior pormenor. Os motivos geométricos representam com frequência o selo de Salomão. Podemos considerar como novidade as representações arquitectónicas a partir de arcos. Estão ainda presentes figuras zoomorfas, embora sejam pouco abundantes, e também antropomorfas, na forma da “mão de Fátima”, plena de simbolismo profiláctico. Os motivos com maior riqueza de possibilidades são os epigráficos, tanto nas fórmulas como nas caligrafias (cat. 41 e 44).

Outra técnica que começa a sua produção na Península Ibérica neste momento é a denominada “loiça dourada” ou de “reflexos metálicos”. Consiste em aplicar sobre a peça, munida duma cobertura estanhada branca, uma mistura de prata, cobre, peróxido de ferro, cinábrio e enxofre, dissolvida em vinagre. Submete-se, então, a uma cozedura redutora com muito fumo e baixa temperatura, após a qual a peça apresenta uma camada escura que é preciso esfregar para aparecerem os reflexos metálicos. Pode aplicar-se sobre superfícies lisas ou sobre motivos em relevo produzidos por molde, ou ainda combinar-se com técnicas de esgrafitado²⁵. O repertório iconográfico é reduzido: motivos vegetalistas, epigráficos e geométricos que, frequentemente, se combinam com esgrafitados fitomórficos (cat. 37 e 38).

Existe outro tipo de decoração, moldada em relevo, que se aplica a jarrinhas de paredes muito finas e que se cobre com um engobe vermelho de alta qualidade, lembrando a antiga *terra sigillata*. Contamos com um número muito reduzido de exemplos, de origem e cronologia incertas, onde estão representados pequenos arcos e botões, gazelas, pequenos letreiros epigráficos e estrelas de seis pontas.

Mais clara é a datação almóada da técnica do esgrafitado. Consiste em aplicar sobre a peça uma pintura preta, que posteriormente é rasgada por um instrumento afiado dando assim expressão aos desenhos. Por vezes esta técnica combina-se com aplicações parciais de vidro verde. Os motivos que encontramos são maioritariamente geométricos, mas não estão ausentes a epigrafia nem os motivos fitomórficos. São muito escassos os exemplos encontrados no Ocidente peninsular, facto que leva a considerar a sua presença como fruto do comércio²⁶. O gosto pelo preto, nesta técnica, pode ter alguma relação com a presença de decorações simples de pintura preta que, em época almóada, ganham alguma força. Também aumenta a presença de pintura vermelha aplicada em traços cada vez mais grossos, mas a mais característica no território do Gharb continua a ser a branca.

As formas e os usos

Como fonte de conhecimento do quotidiano a cerâmica é um expressivo retrato do lar. No entanto, o vasilhame doméstico não se fabricava exclusivamente em cerâmica. Sem dúvida também se usava o metal, o vidro e a madeira, mas o primeiro não devia ser frequente, dada a escassez de vestígios que nos restam, e do segundo as condições de conservação impediram a existência de qualquer indício.

O repertório formal que caracteriza o vasilhame doméstico não foi sempre o mesmo ao longo das mais de cinco centúrias de domínio islâmico no Gharb al-Ândalus. Apenas meia dúzia de formas genéricas se reconhecem nos primeiros séculos, sendo no período almóada que se adquire a maior diversidade, com cerca de trinta utensílios reconhecidos²⁷. Também se verifica uma grande desigualdade entre o vasilhame em uso num meio urbano e o que encontramos nos povoados rurais. Nestes últimos, além de menor variedade e do menor requinte na decoração, é também evidente que os objectos não conheciam a especialização de usos que lhe estariam destinados numa casa urbana.

Neste período derradeiro a loiça de cozinha é, sem dúvida, a mais abundante. Painéis, marmitas e caçoilas de variadas tipologias, com os seus correspondentes testos e tampas, são os objectos usados para ir ao lume e cozinhar os alimentos. Alguidares de vários tamanhos servem tanto para preparar alimentos como para as múltiplas tarefas da higiene doméstica. Outros elementos têm uma utilidade mais específica, como os funis. Os fogareiros completam o apetrecho da cozinha servindo ora para cozinhar sobre eles, ora como elementos de aquecimento junto dos braseiros, alguns dos quais têm forma trípode (Figura 1). Outros contentores de lume, candis e candeias, destinam-se exclusivamente à iluminação.

Importância fundamental tem o vasilhame de armazenamento e transporte de alimentos e líquidos: as grandes talhas para guardar cereais e a preciosa água e uma variadíssima escala de potes para armazenar todo o tipo de conservas secas, salgadas ou em gordura (Figura 2). Com os cântaros se transporta a água desde a fonte (cat. 92 e 93), mas para as viagens usam-se contentores mais pequenos, como os cantis (cat. 86).

Na mesa, o elemento principal são as tigelas de vários tamanhos: umas grandes, nas quais come em simultâneo toda a família, outras mais pequenas para comer sopas e papas



Figura 1- Conjunto de louça de cozinha (fogareiros, painéis e caçoilas).



Figura 2- Conjunto de talhas para água, da época almóada.

de forma individual. Nas mesas mais requintadas certos pratos servem-se em terrinas cobertas com a sua respectiva tampa (Figura 3). Para beber existem copos e taças individuais (cat. 147, 150 e 151), embora seja comum o uso por toda a família de jarrinhas de tamanho médio (cat. 143). Os líquidos chegam à mesa em jarros e almotolias providas de grandes bicos tubulares (cat. 71). Outras vezes usam-se com este fim garrafas e bilhas de colo alto e estreito, provavelmente para servir bebidas de maior valia, ou temperos como o azeite ou o vinagre (cat. 171, 172 e 173). Os jarrinhos ou púcaros usam-se para levar à mesa pequenas quantidades de líquidos mas, em certas ocasiões, também para aquecê-los.



Figura 3- Terrina e respectiva tampa.



Figura 4 - Ao redor de uma talha, alguidares da época almóada.

Objectos de uso específico estão ligados à agricultura, como alcatruzes de nora ou vasos (cat. 87) para ervas e plantas aromáticas, com as quais se temperam os guisados. Alguns utensílios artesanais são fabricados em cerâmica como as trempes e, em geral, todos os instrumentos de oleiro. Para a higiene doméstica usam-se, junto dos alguidares, (Figura 4) os bacios. Também se encontram no Gharb objectos de carácter lúdico, como as pedras de jogo ou instrumentos musicais, como os característicos tambores, que em pouco se diferenciam dos que hoje ainda são usados em Marrocos.

Outros objectos de uso específico não se encontraram ainda no Gharb, mas é de esperar que venham a surgir no futuro, pois têm sido encontrados noutras regiões do Ândalus. É o caso dos almofarizes onde se preparavam os temperos muito usados na cozinha andaluza. O mesmo se pode dizer dos coadores onde talvez se cozinhassem pratos semelhantes ao cuscus. Também é de esperar que venham a surgir tinteiros e mealheiros.

Mencione-se, por último, a cerâmica arquitectónica (telhas, tijolos, ladrilhos, adobes e azulejos) muito frequentes, mas que raramente são objecto de estudo dos ceramólogos.

- ¹ VASCONCELLOS, 1902; 1905; 1915; ROCHA, 1895
- ² VASCONCELLOS, 1915, p. 38
- ³ Ver por exemplo os trabalhos que dedicou ao Castro da Cola (VIANA, 1960) ou as descrições de materiais do Museu de Beja (VIANA, 1946)
- ⁴ MATOS, 1983; 1986
- ⁵ TORRES, 1986; 1987; 1988
- ⁶ CATARINO et alii, 1981
- ⁷ GOMES, 1988
- ⁸ Actas do IV Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (16-22 Novembro 1987). Edição do Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991.
- ⁹ Neste ponto, cabe destacar os achados do Castelo Velho de Alcoutim (CATARINO, 1992c e CATARINO, n.p.), de Milreu (TEICHNER, 1994), da zona de Palmela (FERNANDES e CARVALHO, 1993, e FERNANDES, n.p.) e alguns materiais de Silves (GOMES, 1988 e GOMES, 1995).
- ¹⁰ Entre outros destacar os trabalhos sobre: Silves (GOMES, 1988, 1991, 1995; GOMES e GOMES, 1991 e 1992); Cerro da Vila em Vilamoura (MATOS, 1983; 1986; 1991 e 1991b); Loulé (LUZIA, 1996); Salir (CATARINO, 1992a; 1992b; 1995); Milreu (TEICHNER, 1994); Vale de Boto em Castro Marim (CATARINO, 1981); e Aldeia dos Mouros (GAMITO, 1994), Montinho das laranjeiras (COUTINHO, 1993) e Castelo Velho (CATARINO, 1992c; 1994) em Alcoutim.
- ¹¹ Podemos destacar: Castro da Cola em Ourique (VIANA, 1960); Mesas do Castelinho em Almodovar (GUERRA e FABIÃO, 1993); Alcaria Longa (BOONE, 1992; 1993); Mértola (BRANCO, 1991; Gómez, 1994 e 1997; KHAWLI, 1992, 1993, 1994a e 1994b; MACIAS, 1992 e 1996; TORRES, 1986, 1987, 1988 e TORRES et alii, 1991 e 1996); Bela (CORREIA, 1991); Moura (MACIAS, 1993); Noudar em Barrancos (REGO, 1994); Juromenha (CORREIA e PICARD, 1992) e Alcácer do Sal (CARVALHO e FARIA, 1994; PAIXÃO et alii, 1994).
- ¹² Ver, por exemplo, sobre Palmela (FERNANDES e CARVALHO, 1993 e FERNANDES, n.p.); sobre Cascais (CARDOSO e RODRIGUES, 1991); sobre Lisboa (LISBOA, 1994; BUGALHÃO, 1994).
- ¹³ Recentes achados foram dados a conhecer no encontro «Lisboa encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos», a publicar em *Arqueologia Medieval*, nº 7 (ARRUDA et alii, n.p. e RAMALHO et alii, n.p.).
- ¹⁴ Levantam-se sérias dúvidas em torno dos conjuntos que foram datados nestes séculos por Rosa Varela Gomes (1988; 1991; 1995). Embora algumas peças de fabrico tosco e outras decoradas com pintura branca ou vermelha ou com cordões digitados, admitam uma cronologia do século IX, para as peças decoradas com vidrado dificilmente se podem aceitar datações anteriores à segunda metade do século X, especialmente para aquelas que utilizam a técnica do «verde e manganês», objectos com paralelos noutras estações do Ândalus no século XI.
- ¹⁵ Ver, por exemplo, ACIEN, 1986 e 1989 e GUTIÉRREZ, 1988.
- ¹⁶ Um dos poucos casos de estudo é o dedicado ao branco e manganês por Alice BRANCO, 1991.
- ¹⁷ Sobre combinações decorativas é de consulta obrigatória o trabalho de RETURCE e ZOZAYA, 1986.
- ¹⁸ Um resumo deste debate pode encontrar-se em GÓMEZ, 1994. Sobre o «verde e manganês» no Gharb al-Ândalus ver também TORRES e GÓMEZ, 1995.
- ¹⁹ Ver CARMONA, 1994 e RETURCE n.p.
- ²⁰ Ver GÓMEZ, 1994.
- ²¹ Sobre a corda seca em geral ver, também, PUERTAS, 1989. Para o Gharb TORRES, 1986 e TORRES e GÓMEZ, 1995.
- ²² Comunicação apresentada por BARROS, CARDOSO e GONZALEZ, «Primeira notícia do forno da Quinta de S. António da Charneca-Barreiro», nas III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997.
- ²³ Ver CASAMAR e VALDES, 1984.

- ²⁴ No tema de decorações estampilhadas destacam-se os trabalhos de KHAWLI, 1992; 1994a e 1994b.
- ²⁵ Ver CÓMEZ, 1997.
- ²⁶ Sobre a tipologia funcional e a sua terminologia podem consultar-se os trabalhos de VALENTE, 1982; TORRES, 1995; TORRES et alii, 1991 e TORRES et alii, n.p.

Bibliografia

- ACIEN, Manuel (1986) - Cerámica a torno lento en Bezmillana. Cronología, tipos y difusión. In *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*, Huesca, 1985. Zaragoza. t. IV, p. 243-267.
- ACIEN, Manuel (1989) - Cerámica islámica arcaica del sureste de al-Andalus. *Boletín de Arqueología Medieval*. 3, p. 123-135.
- ARRUDA, Ana [et al.] (no prelo) - Cerâmicas muçulmanas da alcáçova de Santarém. *Arqueologia Medieval. Lisboa encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos*. Porto. 7.
- BARROS, Luís; CARDOSO, Guilherme e GONZALEZ, Severino (no prelo) - Primeira notícia do forno da Quinta de St.º António da Charneca - Barreiro. In *III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, 1997.
- BOONE, James (1992) - The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: A Califal-Taifal period rural settlement in the lower Alentejo of Portugal. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1. p. 51-64.
- BOONE, James (1993) - The third season of the excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 111-126.
- BUGALHÃO, Jacinta; SABROSA, Armando; MONTEIRO, José Luís (1994) - B. C. P. - Rua Augusta/Rua dos Correiros. Campanha de 1993/1994. *Al-Madan*. Almada. IIª Série, 3, p. 110.
- BRANCO, Alice (1991) - Cerâmica estanhada de Mértola com decoração a manganés. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola. p. 539-556.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1991) - Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola. p. 575-585.
- CARMONA, Rafael (1994) - Un alfar de época almohade en Madinat Baguh. *Antiquitas*. Córdoba. 5, p. 72-94.
- CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos (1994) - Cerâmicas muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 101-111.
- CASAMAR, Manuel e VALDES, Fernando (1984) - Origen y desarrollo de la Cuerda Seca en la Península Ibérica y en el Norte de África durante el siglo XI. *Al-Qantara*. Granada. V, p. 383-404.
- CATARINO, Helena (1992a) - A fortificação muçulmana de Salir (Loulé). Primeiros resultados arqueológicos. *Al-'Ulya*. Loulé. 1, p. 9-51.
- CATARINO, Helena (1992b) - Cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir, *Catálogo do Museu Municipal de Arqueologia*. Loulé.
- CATARINO, Helena (1992c) - Os sistemas defensivos muçulmanos do Algarve oriental e o castelo Velho de Alcoutim. In *III Congreso de Arqueología Medieval Española*, Oviedo, 1989. Oviedo. T. II., p. 296-305.
- CATARINO, Helena (1994) - Arqueologia Medieval no Algarve Oriental. Os castelos de Alcoutim. In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. p. 657-671.
- CATARINO, Helena (1995) - O Castelo de Salir: Resultados da escavação dos silos. *Al-'Ulya*. Loulé. 4, p. 9-30.
- CATARINO, Helena (no prelo) - Cerâmicas omíadas do Garbe Al-Andaluz: resultados arqueológicos no castelo Velho de Alcoutim e no castelo das Relíquias (Alcoutim). *Arqueologia y Territorio. La cerámica andalusí. Veinte años de investigación*. 5.
- CATARINO, Helena [et al.] (1981) - Vale do Boto: Escavações de 1981 no complexo árabe/medieval. *Clio - Revista do centro de História da Universidade de Lisboa*. Lisboa. III, p. 9-27.
- CORREIA, Fernando (1991) - Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Lisboa, 1987. Mértola. p. 373-385.
- CORREIA, Fernando; PICARD, Christophe (1992) - Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha. Primeiros resultados. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 71-89.
- COUTINHO, Helder (1993) - Cerâmica muçulmana do Montinho das Laranjeiras. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 39-54.

- FERNANDES, Isabel Cristina e CARVALHO, António Rafael (1993) - *Arqueologia em Palmela, 1988/1992: Catálogo da exposição*. Palmela.
- FERNANDES, Isabel Cristina (no prelo) - A península de Setúbal em época islâmica. *Arqueologia Medieval. Lisboa encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos*. Porto. 7.
- GAMITO, Teresa Júdice (1994) - O povoamento islâmico da serra do Caldeirão. O caso da Aldeia dos Mouros (Vaqueiros, Alcoutim). *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. p. 545-563.
- GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1991) - Cerâmicas almôadas do castelo de Silves. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola. p. 387-403.
- GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1992) - Dispositivos defensivos de Silves (Algarve, Portugal). In *III Congreso de Arqueología Medieval Española*, Oviedo, 1989. Oviedo. vol. II, p. 287-295.
- GOMES, Rosa Varela (1988) - Cerâmicas muçulmanas do castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1, 294 p.
- GOMES, Rosa Varela (1991) - Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes do castelo de Silves (peças esmaltadas, policromas e de reflexo metálico). In *O legado cultural de judeus e mouros*. Lisboa: Instituto Oriental. p. 13-39. (Estudos Orientais; 2).
- GOMES, Rosa Varela (1995) - Cerâmicas muçulmanas de Silves dos séculos VIII e IX. In *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela. p. 19-29.
- GÓMEZ, Susana (1994) - La cerámica de verde y morado de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 113-132.
- GÓMEZ, Susana (1997) - A loiça dourada de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 137-162.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (1993) - Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelhinho (Almodovar). *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 85-102.
- GUTIÉRREZ, Sonia (1988) - *Cerámica común paleoandalusí del sur de Alicante (siglos VII-X)*. Alicante.
- KHAWLI, Abdallah (1992) - Lote de cerâmica epigrafada em estampilhagem de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 7-26.
- KHAWLI, Abdallah (1993) - Introdução ao estudo das vazilhas de armazenamento da Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 63-78.
- KHAWLI, Abdallah (1994a) - A mão de Fátima e a sua representação na arte hispano-muçulmana. Cerâmica estampilhada de Mértola. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. p. 606-618.
- KHAWLI, Abdallah (1994b) - Arcos estampilhados da cerâmica islâmica de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 133-146.
- LISBOA Subterrânea, Lisboa, 1994. Lisboa: Lisboa 94; Milão: Electa, 1994. Catálogo.
- LUZIA, Isabel (1996) - O espólio cerâmico da cerca do convento. *Al-'Ulya*. Loulé. 5, p. 51-73.
- MACIAS, Santiago (1992) - Os silos 4 e 5 de Mértola - uma proposta de datação do espólio cerâmico. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 27-34.
- MACIAS, Santiago (1993) - Moura na baixa idade média: elementos para um estudo histórico e arqueológico. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 127-157.
- MACIAS, Santiago (1996) - *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova*. Mértola.
- MATOS, José Luís (1983) - Malgas árabes do Cerro da Vila. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, I, p. 375-390.
- MATOS, José Luís (1986) - Ceramique mussulmane du Sud de Portugal. In *II Congreso Internacional sobre la Cerámica Medieval del Mediterráneo Occidental*, Toledo, 1981. Madrid. p. 149-154.
- MATOS, José Luís (1991a) - Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In *A Cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola. p. 429-456.
- MATOS, José Luís (1991b) - Influências orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal. In *O legado cultural de judeus e mouros*. Lisboa: Instituto Oriental. p. 75-83. (Estudos Orientais; 2).
- NAVARRO, Julio (1986) - *La cerámica esgrafiada andalusí de Murcia*. Madrid: Publications de la Casa de Velázquez.

- PAIXÃO, António [et al.] (1994) - O castelo de Alcácer do Sal. Um projecto de arqueologia urbana. *Bracara Augusta. Actas do Encontro de Arqueologia Urbana de Braga*. XLV, 97 (110), p. 215-264.
- PUERTAS, Rafael (1989) - *La cerámica islámica de cuerda seca en la Alcazaba de Málaga*. Málaga.
- RAMALHO, Maria [et al.] Vestígios da Santarém Islâmica. *Arqueologia Medieval. Lisboa encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos*. Porto. 7.
- REGO, Miguel (1994) - Investigações arqueológicas no castelo de Noudar. *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva. p. 37-53.
- RETUERCE, Manuel (1986) - Cerâmica islâmica de cidade das Rosas, Serpa (Portugal). In *II Congreso Internacional sobre la Cerámica Medieval del Mediterráneo Occidental*, Toledo, 1981. Madrid. p. 85-92.
- RETUERCE, Manuel (no prelo) - La cerámica verde y manganeso de época almohade en la Meseta. *Arqueología y Territorio. La cerámica andalusí. Veinte años de investigación*. 5.
- RETUERCE, Manuel; ZOZAYA, Juan (1986) - Variantes geográficas de la cerámica omeya andalusí: los temas decorativos. *La cerámica medieval nel Mediterraneo occidentale*, Siena-Faenza, 1984. Firenze. p. 69-128.
- ROCHA, A. dos SANTOS (1895) - Notícias de algumas estações romanas e árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. I.
- TEICHNER, Felix (1994) - Acerca da vila romana de Milreu/Estói. Continuidade da ocupação na época árabe. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 89-100.
- TORRES, Cláudio (1986) - Um lote cerâmico da Mértola islâmica. In *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*, Huesca, 1985. Zaragoza. Tomo IV, p. 193-228.
- TORRES, Cláudio (1987) - *Cerâmica islâmica portuguesa: Catálogo*. Lisboa.
- TORRES, Cláudio (1988) - *Mértola almoravide et almohade: Catalogue*. Mértola.
- TORRES, Cláudio (1995) - O espaço familiar e formas de habitar no Carb Al-Andalus. In *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, 1992. Tondela. p. 33-40.
- TORRES, Cláudio e GÓMEZ, Susana (1995) - Le vert et brun au Portugal. In *Le Vert et le Brun. Catalogue de la exposition*. Marselha. p. 98-102.
- TORRES, Cláudio [et al.] (1991) - Cerâmica islâmica de Mértola. Propostas de cronologia e funcionalidade. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa 1987. Mértola. p. 497-536.
- TORRES, Cláudio [et al.] (1996) - Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 203-218.
- TORRES, Cláudio [et al.] (no prelo) - Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In *III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, 1997.
- VALENTE, Jorge (1982) - Campo arqueológico de Mértola. Uma experiência em arqueologia medieval: problemas de método. Introdução e primeira proposta de terminologia para algumas peças de cerâmica medieval. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª série, I.
- VASCONCELOS, José Leite (1902) - Candeias árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. VII, p. 119-125.
- VASCONCELOS, José Leite de (1905) - *Notice sommaire sur le Musée ethnologique portugais*. Lisbonne.
- VASCONCELOS, José Leite (1915) - *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa. Imprensa Nacional.
- VIANA, Abel (1946) - Museu regional de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. II.
- VIANA, Abel (1960) - Notas históricas arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. XVII. p. 138-231.